

Sentir na minha pele: narrativa histórica e violência escolar com estudantes da comunidade quilombola Invernada Paiol de Telha-Guarapuava-PR

Odinei Fabiano Ramos¹
Guilherme Traiano²

Resumo: O presente artigo propõe uma análise aprofundada da comunidade quilombola Invernada Paiol de Telha, localizada em Guarapuava, no Estado do Paraná. A pesquisa se baseia em entrevistas coletadas durante uma dissertação de mestrado realizada por Juliana Berg, permitindo reflexões acerca da construção de uma historiografia que, embora acessível ao público em geral, não comprometa o rigor acadêmico e historiográfico. As vozes presentes nas entrevistas são uma poderosa ferramenta para dar voz a uma realidade muitas vezes negligenciada e ignorada. A partir desses relatos, é possível compreender os desafios, as injustiças e as dificuldades enfrentadas pela comunidade Invernada Paiol de Telha. A abordagem adotada concentra-se na perspectiva da violência vivenciada por estudantes pertencentes à comunidade, possibilitando assim a divulgação, por meio da ciência, de um relevante problema social enfrentado por essa etnia específica no Paraná. As entrevistas revelam vozes que desvelam uma realidade muitas vezes negligenciada e ignorada.

Palavras-chave: Historiografia; narrativa; comunidade quilombola.

Feeling it on my skin: historical narrative and school violence with students from the quilombola community Invernada Paiol de Telha-Guarapuava-PR

Abstract: His article proposes an in-depth analysis of the Quilombola Community Invernada Paiol de Telha, located in Guarapuava, in the Paraná State, Brazil. The research is based on interviews collected during a master's thesis conducted by Juliana Berg, allowing reflections on the construction of a historiography that, although accessible to the general public, does not compromise the academic and historiographical strictness as such. The voices that were present in the interviews

¹ Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS. Professor da UNICENTRO e do Programa de Pós-Graduação em História pela mesma instituição. E-mail: odineiramos@gmail.com

² Mestre em História pela UNICENTRO. E-mail: traiano1998@gmail.com

are a powerful tool that give voice to a reality often neglected and ignored. From these documented facts, it is possible to understand the challenges, difficulties and injustices faced by the Invernada Paiol de Telha community. The approach adopted by this study focuses on the perspective of the violence experienced by the students of this community, thus enabling the dissemination, through a scientific approach, of a relevant social problem faced by this specific ethnic group in the Paraná State. The interviews reveal voices that unveil a reality often ignored and neglected.

Keywords: Historiography; narrative; quilombola community.

Introdução

O primeiro ponto que devemos pensar ao produzir um texto histórico é qual a necessidade e impacto que nosso texto, nosso produto, terá na sociedade que nos cerca. Não se trata de construir sempre uma obra revolucionária ao campo da história, mas de identificar pontos problemáticos e atacá-los com primazia. Tampouco é necessário que todos os textos históricos sejam verdadeiros manifestos públicos que reivindicam grandes atos sociais, mas de produzir uma História que não seja exclusiva da comunidade acadêmica universitária e atinja a sociedade de modo que todos consigam entender o texto histórico, como um instrumento identificador de mudança social.

O texto apresenta, no caso desse artigo, elementos constituídos a partir da análise do Quilombo Invernada Paiol de Telha³ que desde sua fundação envolve algumas especificidades que tornam o seu processo histórico muito complexo⁴. A comunidade toma forma a partir do testamento da senhora de escravos, Balbina Francisca de Siqueira⁵, o qual traz em suas páginas a doação de terras à treze escravizados e aos seus descendentes que teriam o direito ao território sem nunca poderem envolver em algum processo de venda.

³ A Comunidade está situada na cidade de Reserva do Iguaçu, município localizado no estado do Paraná, na região sul do Brasil. Está cerca de 337 quilômetros a sudoeste da capital, Curitiba. A cidade integra a microrregião de Pinhão e a região de Guarapuava.

⁴ Discussão iniciada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO.

⁵ Testamento de Balbina Francisca de Siqueira. Arquivo de Notas do Cartório Gouveia. Autos findos e arquivados de inventário sob nº 50, fls. 4-4v. Vila de Guarapuava, 2 de julho de 1860.

Foram diversas situações em que a doação foi contestada, sendo a que mais impactou a relação com a terra ocorreu na década de 70 do século XX, através de um processo dúbio envolvendo a empresa multimilionária Agrária Entre-Rios LTDA. A empresa efetua a compra da terra doada e começa o processo de industrialização dessas através das grandes plantações que fornecem matéria prima à fábrica que já estava instalada num território próximo⁶.

Mas essa operação de compra realizada pela empresa foi contestada, visto os termos do testamento de doação, e entre 1996 e 1999 esse processo se agrava com manifestações dos quilombolas na rodovia que passa ao lado do território em questão e também com um acampamento erguido às margens do referido quilombo⁷. A Comunidade Invernada Paiol de Telha tem sua baliza temporal iniciada em 1860 contudo é durante o século XX que sua história é permeada de embates pelo território e ganha notoriedade. Uma comunidade constituída através de uma doação testamentária feita pelo casal de senhores de escravos aos seus escravizados se auto denomina remanescente de quilombo após uma revisão da lei que versa sobre isso, estamos falando do decreto 4487/2003 que dispõe sobre o que é ser remanescente de quilombola no Brasil. Trata-se de uma comunidade que perante ao Estado perdeu seu território legítimo para uma Cooperativa multimilionária que buscava na monocultura o seu lucro, marcando assim na história da Comunidade Invernada Paiol de Telha duas décadas de expropriação

⁶ Importante ressaltar que a região do distrito de Entre Rios tem como particularidade uma colônia formada pela imigração de suábios na década de 50 do século XX. Segundo Teixeira, dentre os interesses estavam o povoamento de "vazios demográficos", o "branqueamento da raça". Portanto, falar de Entre-Rios é falar também de diferentes etnias, de origens diversas, sendo o amálgama sociocultural que forma o cotidiano em Entre-Rios-PR torna os aspectos analisados dotados de simbolismos e de violências simbólicas. TEIXEIRA, Juliana C. Memórias Suábicas: o processo de colonização em Entre Rios-PR. *Revista Percurso – NEMO*, Maringá, v. 2, n. 1, p. , 2010. p. 07-08.

⁷ Entendemos como quilombo o ambiente onde a vivência de um grupo é completamente atrelada às suas práticas de cultura, religiosidade e de subsistência. Como vemos em Berg, o corpo do quilombola é parte integrante do local onde habita onde há uma troca material e imaterial, ou seja, a subsistência coexiste com a questão cultural da comunidade. BERG, Juliana. *Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da Comunidade Invernada Paiol de Telha, Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2014. Para Schmitt, um local onde o lucro individual não é visado e sim uma prática laboral que constitui a vida em conjunto. SCHMITT, Alessandra. Et al. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. In: *Ambiente & Sociedade – Ano V – Nº 10 – 1º Semestre de 2002*.

(70 – 90) e que ao fim do século XX ainda teria brasa para incendiar uma nova querela no âmbito jurídico pela tentativa de reaver as posses do território. Essa definição se torna muito importante para compreendermos a luta pelo território dentro da Invernada que disputa com uma grande cooperativa agro industrial. A movimentação jurídica que acontece dentro da Invernada é muito rica em detalhes e demonstra processos de resistência bem estabelecidos e nutridos por um desejo de retornar a terra dos antepassados, os legatários do território.

Toda essa mobilização pela reivindicação à terra foi não foi bem aceita pela sociedade guarapuavana e são inúmeros os processos discriminatórios que são observados partindo da sociedade urbana⁸ para com os moradores do quilombo. Para comprovar esse ponto utilizarei duas pesquisas que demonstram como, por exemplo, a comunidade escolar que acolhe estudantes quilombolas se comportara perante a situação quilombola. Servirão então com parte dessa discussão a dissertação de Juliana Berg⁹ intitulado *Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da Comunidade Invernada Paiol de Telha, Paraná*, bem como Raimondo¹⁰ *As implicações do processo de resistência quilombola no espaço escolar no município de Reserva do Iguaçu*.

Buscamos aqui, nesse ensaio conceber uma análise que alcance o maior número de leitores, principalmente aqueles que vivem na região ou são descendentes da comunidade em questão, visto que, analisar e entender as narrativas que cercam a criação e os embates acerca do território da Comunidade Invernada Paiol de Telhas é dar acesso a comunidade a sua própria história. Vejamos que são inúmeros os questionamentos acerca de como compor a narrativa dentro de um texto histórico e por isso, a primeira causa a ser considerada é a escolha individual do próprio historiador. Isso mesmo. O historiador é quem escolhe

⁸ Usaremos esse termo para me referir a sociedade guarapuavana sem vínculo com o quilombo. Essa distinção não pretende ser uma simplificação da sociedade que habita Entre Rios.

⁹ BERG, Juliana. *Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da Comunidade Invernada Paiol de Telha, Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2014.

¹⁰ RAIMONDO, Marilena Ap. Soares Uchak. *As implicações do processo de resistência quilombola no espaço escolar no município de Reserva do Iguaçu*. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2017.

qual o seu público. Há historiadores que escolherão o trabalho para os pares numa tentativa de contribuir com o campo da historiografia com maior profundidade e isso acontece também devido aos ataques que as ciências humanas sofrem em nosso país, um reforço acadêmico tentando provar uma cientificidade que é atacada de tempos em tempos. Porém, como nos lembra Ginzburg o historiador não deve se entregar à essa querela pela cientificidade, mas produzir um texto que seja de fato, efetivo no que pretende e traga contribuições à área.¹¹ E parafraseando-o, ou escolhemos endurecer e abstrair em demasia nosso texto para os pares ou escolhemos divulgar à história, reconhecendo-a como algo que pode contribuir à sociedade, novamente questiono, caso contrário, a quem serve nosso produto? Lembramos, porém, que não necessariamente uma forma exclui a outra.

Como nos diz Paul Veyne¹², produzir a história não é apenas transcrição de fontes, mas um ordenamento narrativo que relaciona o fato com um contexto amplo e que analisa a fonte histórica de diversas formas. Como na metáfora da floresta, o historiador desvela dia-a-dia clareiras na enorme floresta que lhe pertence e ainda, usando a metáfora de Walter Benjamin e o Anjo de Klee, uma floresta que não para de crescer.

Mas como aplicar às fontes históricas uma narrativa e um contexto que possa ajudar a abrir essas clareiras na floresta histórica? No caso dessa análise, ao compreender que existe dubiedade no processo de compra das terras da comunidade Paiol de Telha, e que há efeitos dessa relação frente ao cotidiano guarapuavano, busca-se dar visibilidade a um grupo invisibilizado pela própria história. Escolhemos um recorte e não a generalidade. Veyne nos responde isso, o historiador não pode desejar uma narrativa que dará conta da totalidade do elemento que escolhe analisar. “É impossível descrever uma totalidade, e toda

¹¹ GINZBURG, Carlo. *Roots of a Scientific Paradigm*. *Theory and Society*. vii. 1979. p. 270. Cit. cf. ed. bras. Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, in: *Mitos, Emblemas, Sinais*. SP. 1989. trad. Federico Carotti. p. 178.

¹² VEYNE, Paul Marie, 1930 – *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a História*. Trad. De Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. 285p.

descrição é seletiva; o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode no máximo, multiplicar as linhas que o atravessam”¹³.

Como utilizar como fonte histórica o processo histórico de um quilombo e ignorar o que um quilombo representa à sociedade brasileira como um todo? Tornar-se impossível. Propor uma narrativa histórica sobre um quilombo é muito mais considerá-lo como um ponto ímpar num contexto que tenta aproximá-lo que qualquer outro modo. Quantos quilombos são identificados no Brasil e quantos tem os mesmos traços culturais, religiosos e econômicos? Vejam que elencamos três aspectos e serão poucas as aproximações possíveis. Desde o processo de formação, identificação e cultura diferenciam essas reduções étnicas brasileiras.

A narrativa histórica, para tentarmos utilizar de artefatos didáticos, tem que se deter muito mais de uma esfera metálica que qualquer outra forma. Esfera brilhante que ao lançarmos a luz do olhar histórico nos reflete e ao mesmo tempo nos cega e traz a sombra a seu outro lado. A opção histórica pode ser a mais clara possível.

A publicação de um artigo acessível que aborde as comunidades quilombolas no Brasil é de extrema importância para disseminar conhecimento, combater estereótipos e promover a inclusão social. As comunidades quilombolas representam um importante pilar da história e cultura brasileira, mas ainda são alvo de invisibilidade e discriminação. Um artigo acessível permitirá que informações precisas e atualizadas alcancem um público mais amplo, ajudando a desconstruir preconceitos arraigados e promover o respeito à diversidade cultural do país.

Além disso, a divulgação de tais publicações é fundamental para que a população possa compreender as necessidades e desafios enfrentados por essas comunidades. Muitas vezes, os quilombolas vivem em condições precárias, com dificuldades no acesso a serviços básicos, educação e saúde. Ao entenderem as realidades enfrentadas por essas populações, os leitores poderão apoiar ações que

¹³ Ibidem.

visem ao desenvolvimento sustentável e à valorização das culturas quilombolas, contribuindo para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, a publicação de artigos acessíveis sobre comunidades quilombolas também contribui para a construção de uma identidade regional inclusiva e que reconheça a importância daqueles vistos, pela dita elite guarapuavana, como os *outros*. Ao reconhecer a importância histórica e cultural dessas comunidades, a sociedade pode reforçar o respeito à diversidade étnica e valorizar a riqueza de contribuições que cada grupo traz para a formação do país. O conhecimento é uma ferramenta poderosa para a mudança social e, ao tornar essas informações acessíveis, podemos promover o diálogo intercultural e a construção de uma nação mais consciente de suas raízes e responsabilidades para com sua população plural e diversificada.

Assim, elencadas a nossa forma de perceber, analisar e produzir o conhecimento histórico, passaremos aos casos dos estudantes do Quilombo Paiol de Telha e suas relações com o contexto escolar da cidade de Guarapuava.

Desde a tenra idade sabemos que nosso destino estará em algum momento atrelado à vida escolar, ao menos é dessa forma que deveria ocorrer para a maioria da sociedade que conseguem o acesso à educação em nosso país. Quando pensamos em escola recriamos a imagem de uma professora e de nossos colegas próximos, brincadeiras, provas e até mesmo os castigos que ao infringir alguma regra eram impostos, todo caso, a imagem de escola é muito próxima a nossa realidade, contudo, entendemos o prisma escolar nesse artigo como uma junção de aspectos que podem ser distintos em si, mas formam um todo¹⁴.

¹⁴ Comunidade escolar, direção escolar e o ambiente da escola enquanto espaço físico e social representam aspectos diferentes que formam o todo que é a escola. Buscamos entender portando como o conjunto da escola analisada traz à tona situações de violência simbólica. Tais violências não são exclusividades das entrevistadas, mas serão aqui discutidas a partir da relação criada pelo contato interétnico, ocasionado pelas situações de contato supracitadas. Essa não exclusividade pode ser percebida na entrevista de Harry R. concedida a Méri Frotscher no ano de 2013. FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos N. “Entre a Antiga e a Nova Pátria: narrativas de três gerações de uma família imigrante (Colônia de Entre Rios, Guarapuava – PR)”, *Tempo e Argumento*, vol. 10, nº 24, p. 378 - 409, ago. 2018.

Mas e quando a escola é o início de uma opressão social¹⁵, como se deve proceder? Afinal, é esse o caso que Berg analisa em sua dissertação. Para pautar essa análise, utilizaremos a entrevista¹⁶ realizada pela pesquisadora e que em sua pesquisa levanta alguns pontos de reflexão que nos instiga, pois valiosos para a análise do objeto. Durante essa entrevista com algumas estudantes quilombolas são expostos casos de racismo e discriminação relacionados, inclusive, as disputas do território do quilombo, onde estas residiam¹⁷.

Da época da pesquisa, Berg levanta que:

A comunidade de Paiol de Telha é atendida por duas escolas:
Escola
Municipal Lacerda Werneck e Escola Estadual D. Pedro I. Estive em ambas as escolas e pude verificar que as crianças advindas da comunidade quilombola são em número bastante reduzido. De acordo com as diretoras das escolas, em conversa informal, existem aproximadamente 46 crianças quilombolas matriculadas.¹⁸

Durante as entrevistas realizadas com meninas de 9 a 13 anos percebeu-se que há na sociedade urbana¹⁹ um pré-conceito que faz um real juízo de valor dos habitantes do quilombo desde a infância, demonstrando que isso é um problema estrutural da sociedade guarapuavana. Quando pensamos no contexto da luta pela terra quilombola do Paiol de Telha é necessário que entendamos que o projeto

¹⁵ A opressão social é vista como um fenômeno em que grupos de pessoas são sistemática e injustamente subjugados, marginalizados, discriminados ou privados de seus direitos, liberdades e oportunidades com base em características como etnia, gênero, classe social, religião, orientação sexual, identidade de gênero, entre outros. E em nosso caso específico uma reação sistêmica da sociedade que não habita a Invernada contrária a inclusão dos pertencentes da Comunidade dentro do ambiente escolar.

¹⁶ BERG, Juliana. *Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da comunidade Invernada Paiol de Telha, paraná*. Dissertação. (Mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2014. p. 88-90.

¹⁷ Além do próprio contexto escolar, que por si é capaz de criar situações de violências entre grupos étnicos e sociais distintos, há no caso dessa análise, os conflitos pelas terras da Comunidade Paiol de Telha.

¹⁸ Ibidem, p. 88.

¹⁹ A “colônia dos alemães,” como é conhecido o distrito de Entre Rios, ocupa um lugar intermediário entre a cidade e o espaço rural. Com características próprias o local apresenta ora características urbanas, ora rural.

quilombola de vida é algo que caminha na contramão do que era o projeto de país que estava sendo executado no Brasil.

No sentido da construção de narrativas e os desdobramentos dessas, temos de um lado temos uma empresa multimilionária de capital fechado, ou seja, uma potência capitalista e de outro uma comunidade quilombola onde seu principal projeto de vida é o cultivo das terras para a própria subsistência. Essa construção é apresentada também por Schmitt²⁰ que explicita a dialética entre uma terra de negócios, que visa o lucro e uma terra de trabalho, onde, a produção da terra envolve diversos setores da vida daqueles que produzem. Trata-se de uma produção com um sentido maior que simplesmente a exploração do lucro.

Dito isso, é possível que percebamos que o julgamento moral da sociedade para com os quilombolas do Paiol de Telha é algo que compõe uma narrativa de quem está certo ou errado, a partir de um projeto de urbanidade. O Estado, como nos mostra Boschiero²¹, referendou a favor da Cooperativa Agrária durante o processo, uma empresa que era louvada por gerar empregos e o desenvolvimento regional.

Mas a nossa discussão nesse ponto deve adentrar à entrevista feita por Berg²² em sua dissertação, essas entrevistas hora aparecem com nomes de mulheres da Comunidade e em outro momento aparecem com nomes genéricos apenas para identificação do diálogo. Algumas perguntas feitas pela pesquisadora como vemos trazem respostas fechadas e evasivas e isso em nosso entendimento pode ser compreendido em duas maneiras. E na primeira via pode ser um ato de silenciamento frente a um confronto de ideias e na segunda forma de analisar, que

²⁰ SCHMITT, Alessandra. Et al. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. In: *Ambiente & Sociedade* – Ano V – Nº 10 – 1º Semestre de 2002.

²¹ A Cooperativa citada recebe o apoio do Governo do Estado do Paraná, sendo colocada como um exemplo. Ver em: BOSCHIERO, Gilson Aparecido. *Grupo de poder e território: os suábios do Danúbio, segregação e cooperação no desenvolvimento do centro-sul do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNICENTRO. Guarapuava. 2014.

²² Como consta, Juliana Berg realizou a entrevista durante a 1ª Festa das Mulheres Quilombolas com 5 meninas de 10 a 14 anos de idade, no dia 14 de setembro de 2014. Dona Ana Maria é a responsável pela articulação com os pais das adolescentes que deram as entrevistas. Berg busca nessas entrevistas compreender como as meninas se sentem e quando não obtém respostas concretas das meninas em questão, interpela as mulheres mais velhas da comunidade.

parece mais viável, quando a pesquisadora questiona sobre sentimentos frente aos acontecimentos relatados as respostas ficam evasivas devido ao desconforto que a entrevista traz aos indivíduos e então há a necessidade de que uma mulher adulta fale em nome do grupo.

A primeira fala encontrada no corpo da pesquisa pode nos dar um mínimo entendimento para essa postura evasiva apresentada, *D. Ana Maria: Você tem que sentir minha pele! Só quem sente ser quilombola, só quem sente o que é ser mulher, negra, pobre e quilombola, sabe o que é discriminação e violação de direitos.*²³

A referida entrevista inicia com uma das meninas relatando sobre um problema escolar de *bullying*²⁴ que não fora resolvido mesmo com a ação de sua mãe ter se encaminhado à escola para resolver com a direção da mesma. A pesquisadora de forma muito capaz faz alguns questionamentos que trarei nesse momento.

Pesquisadora: Aqui vocês são mais felizes? Se tivesse uma escola aqui?

*Todas: Sim.*²⁵

A escola é também um lugar de convivência com pessoas que não compartilhavam até então do mesmo círculo de sociabilidade, mas entendemos a escola como um local que deve ser contundente e efetivo no processo de sociabilização de perfis sociais que apresentem diferenças em modo de vida, cultura, religião etc. Como nos coloca Gomes:

A escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sócio-cultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que

²³ BERG, Juliana. *Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da Comunidade Invernada Paiol de Telha, Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2014. p. 14.

²⁴ Relações de poder desiguais, normas culturais e estereótipos, cultura escolar tóxica e reprodução de desigualdade sociais são aspectos que são considerados nesse artigo como pertencentes à prática de *bullying*. O *bullying* é uma forma de violência que pode acontecer nas escolas, onde os estudantes são alvo de agressões verbais, psicológicas ou sociais. Grifo nosso.

²⁵ *Ibidem*. p. 89.

fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as.²⁶

Entender a escola como o local que não regula os preconceitos é interessante para entendermos o real sentido de um ambiente educacional. Nenhum aluno nasce com preconceitos de raça, gênero ou qualquer outro tipo de conduta discriminatória, mas passa por um processo de criação que o faz adquirir tais condutas e a escola como nos coloca o autor não consegue segurar esses ímpetos fora do portão. Esse convívio entre diferentes visões de mundo traz conflitos inevitáveis, mas quando se há uma escola que não é capaz de resolvê-los como na análise realizada pela pesquisadora as meninas quilombolas desejam que haja uma escola dentro da comunidade quilombola para que as possa acolher com menor discriminação.

E uma passagem da entrevista que deixa claro essa aquiescência da escola perante os casos de discriminação nos chama muita atenção. Vejamos:

Menina Q1²⁷: Eu tive problema lá na escola (D. Pedro I) aí minha mãe foi lá conversar e não adiantou nada.

Pesquisadora: E ser menina na escola é bom ou ruim?

Menina Q1: Eu acho ruim, porque esses tempos eu fui pra secretaria por causa dum piá. Ele ficava só me incomodando, e ele me trancou lá dentro e tentou arrancar minhas calças dentro da sala. Daí todo mundo ficavam dando risada da minha cara e fui na secretaria e não adiantou nada. Daí eu disse pra mãe e ela foi lá.²⁸

Nesse trecho é perceptível a situação discriminatória sofrida e a postura da escola perante os problemas relatados pelas meninas quilombolas que frequentam a escola. Por mais que não esteja explícito tratar-se de uma situação de

²⁶ GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na Alteridade. In: **Cadernos Pagu** (6-7) 1996: pp. 67-82.

²⁷ A identidade das entrevistadas permanecerá em sigilo e dessa forma serão apresentadas como M01, M02 e M03, M04 e M05

²⁸ BERG, Juliana. *Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da Comunidade Invernada Paiol de Telha, Paraná*. Dissertação (mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2014. p. 89.

preconceito, tal leitura pode ser feita através de outras falas. Essa discriminação pode permear diversos aspectos da vivência dos integrantes do quilombo e isso remete a primeira fala de dona Ana Maria, somente as meninas do quilombo é quem sentem realmente ‘na pele’ o que é ser pertencente a Comunidade.

Seguindo com a entrevista a pesquisadora questiona se na comunidade quilombola não há violência, de qualquer forma. As meninas, questionadas, não dão conta de dar uma resposta sólida. No início discordam e uma menina, diz que há, mas não aprofunda sua resposta. Mas nossa leitura também se dá nos silenciamento. Mas nesse momento D. Vanda, moradora do quilombo e uma das responsáveis pela conservação da memória do quilombo, intervém, relatando pontos pungentes que podem ser explorados aqui.

D. Vanda: É que aqui dentro tem briga, imagina nos colégio. É racismo, bolin, chamam elas de gorda, outras de seca, outras de cracenta, piolhenta, de preta.

Pesquisadora: Mas isso, D. Vanda, a senhora acha que é por causa da comunidade?

D. Vanda: É. Somos discriminado, por causa de quê somos tratados de sem terras, né. É os sem terra! E tem pessoas que mora dentro da comunidade e tem vergonha de falar que mora aqui.

Pesquisadora: E aí meninas, isso que D. Vanda tá falando é verdade? Vocês têm vergonha?

Todas: É assim mesmo.

M01: Eu não tenho vergonha, por causa que eu tenho orgulho de tê uma casa. Graças a Deus meu pai dá de tudo.

Pesquisadora: E se perguntarem na frente de outros amigos da escola se vocês são da comunidade, vocês vão falar o quê?

Todas: Concordaram com a cabeça.

O depoimento de D. Vanda é precioso para que entendamos a visão de uma moradora da comunidade quilombola acerca do preconceito que há sobre eles. Enquanto as meninas do quilombo desejam que haja uma escola, uma espécie de lugar seguro, a D. Vanda tem propriedade para entender o que se passa dentro da

escola e por que (o processo do acampamento às margens do quilombo)²⁹ há também a discriminação.

Ainda em outro curto relato de D. Vanda ela diz à pesquisadora que houve uma vez que as crianças da escola ao verem o ônibus que leva os estudantes do quilombo à escola chegar disseram: “Oh! Chegando o caminhão de esterco!”³⁰.

Essa visão da sociedade perante os indivíduos do quilombo não nasce dentro da comunidade escolar. Entendemos que é dentro da comunidade escolar, um microcosmo, que o reflexo da sociedade exterior se mostra de forma mais pungente. É mais fácil perceber num ambiente controlado o que acontece na sociedade e nos cabe compreender que a visão pejorativa do que é ser um indivíduo pertencente a Invernada Paiol de Telha é construída na relação com a visão exterior. A vergonha de ser quilombola existe e é retratada na fala de dona Vanda e mesmo que rebatida pela criança que diz ter orgulho de ser moradora da Invernada, simplesmente pelo esforço de justificação do orgulho nota-se que há uma narrativa construída e que estabelece essa visão preconceituosa.

Posta essa entrevista, torna-se explícita também a questão que existe uma narrativa que recai sobre o quilombo e é discriminatória a ponto de ser manifestada pelas crianças em fase escolar com não mais de 14 anos. A complexidade de análise histórica que isso exige de nós nos convida para que façamos uma história que seja combativa às atrocidades que se alimentam na sociedade.

Ao entrarmos em contato com esse trabalho realizado pela Juliana Berg temos uma possibilidade de analisar como a academia se debruça sobre relatos acerca de aspectos vivenciados no dia a dia, paulatinamente. E essa possibilidade pode nos ajudar a perceber como a ciência pode estar conectada com os interesses de uma sociedade que urge em silêncio pela participação científica em seus problemas diários. Uma escola que como demonstramos tem diversos problemas

²⁹ Entre os anos de 1996 e 1999, os membros da comunidade, numa tentativa de reaver as terras perdidas para a Cooperativa Agrária Entre-Rios LTDA., acampam às margens do antigo território da Invernada causando mal-estar com autoridades públicas e ganhando notoriedade perante ao INCRA e dando início ao processo jurídico de retomada de posse.

³⁰ Ibidem. p. 90.

de gerenciamento de crises perante discriminações e preconceitos precisa de uma formação histórica pautada na tentativa de resolução de problemas estruturais da sociedade. Não se trata de uma ciência salvadora do mundo, nem de um código que trará todas as soluções para a sociedade, mas de uma ciência que busque nos problemas reais sua historicidade e tente ao menos ajudar a desmistificá-los.

Uma estrutura escolar que não permite a segurança dos seus próprios integrantes, promove o desgosto pela escola e conseqüentemente pelos estudos e isso condena o futuro dessas crianças, se uma vez enquanto acadêmicos e pertencentes às instituições de educação temos esperança em que a educação transforma a sociedade. Uma análise histórica, novamente questionando, que não serve para combater estruturas incômodas da sociedade serve para quê?

Seria então mais fácil construir uma escola dentro do quilombo, onde, as crianças estudantes quilombolas conviveriam somente entre si, teriam seus problemas resolvidos ali dentro de forma que não envolvesse à sociedade ao redor? Ou é necessário que construamos análises, textos que possam ajudar a sociedade como um todo a compreender o modo de vida quilombola e o que tudo isso significa para eles?

Essas questões podem ficar mais claras dentro das próprias palavras das meninas entrevistadas por Berg, vejamos.

Pesquisadora: Mas vocês preferem estudar aqui na comunidade ou lá na colônia?

M: Aqui (todas)

Pesquisadora: Porquê?

M03: Porque lá eles só zoam da nossa cara.

Pesquisadora: O que é zoá?

M02: Rir da nossa cara. Porque aqui eles não vão zoá, aqui é nossa casa.

Pesquisadora: Vocês acham que se defendem melhor aqui?

MQ: Sim (todas)

Pesquisadora: Porquê?

M05: Porque aqui tem pessoas que a gente conhece.

M03: Tem várias pessoas que a gente sabe quem são.

Pesquisadora: E lá (escola) não dá para se defender porquê?

M02: Por causa que eles andam em grupo, lá tem gangues e eles batem na gente.

M03: Porque se a gente mexer com um e aí todos vêm pra cima da gente.

Pesquisadora: Mas tem alguém da comunidade na gangues?

MQ: Não, todos de lá. (todas)

Pesquisadora: E é de meninos e meninas a gangues?

M01: Tem de meninos e tem de meninas.

Pesquisadora: E me fala melhor sobre as gangues?

M04: São fechados.

Pesquisadora: Tem no Lacerda e no D. Pedro?

MQ: Sim (todas)

Pesquisadora: E como é do D. Pedro? Eles moram na colônia? E já

bateram em vocês?

M02: Sim, as meninas bateram na menina.

Pesquisadora: Porquê?

M02: Uma amiga minha, Carolim, ela bate em todo mundo. Nós temos medo dela.

Pesquisadora: E vocês têm medo dela?

MQ: Sim. (duas meninas)

Pesquisadora: E os professores?

M02: Parece que as professoras têm medo daqueles alunos, tipo o David, que a professora tem medo.

M04: E a diretora só faz para gente assinar a ata e só.

Pesquisadora: Você tem medo dele?

M05: Se a gente olhar pra eles, eles já batem na gente.

Pesquisadora: E acontece mais com os meninos ou com as meninas?

MQ: Meninas (quatro meninas)

Pesquisadora: E vocês já pensaram em se juntar?

M03: Não. A gente não quer bater em ninguém.

Estar em casa, dentro do território da Invernada, para as adolescentes entrevistadas é nitidamente necessário, ter segurança para frequentar a escola sem ser motivo de chacota ou de escárnio é o mínimo que elas esperam como podemos perceber. O ambiente escolar agressivo e incômodo para as meninas é também a exposição de que se entendem em desvantagem nessa luta pelo poder dentro da relação com os demais alunos da escola, a fuga do conflito deixa isso marcado. A busca pela direção da escola para a resolução de conflitos também pode demonstrar o que estamos mencionando.

Após a análise das falas das entrevistadas algumas questões são levantadas. Quem são os detentores do poder local e quais são as narrativas

construídas para marginalizar o outros? São vários os aspectos que devemos levar em consideração para entendemos tal narrativa histórica e como nos são colocadas como imprescindível, mas não só para o âmbito historiográfico. Quem escreve essa história? Os relatos das entrevistadas será pauta nos livros comemorativos da região? Assim, queremos entender a narrativa histórica como artefato necessário para todas as áreas da ciência que busquem nas causas sociais as suas fontes de trabalho. Não me basta explicitar a necessidade de uma narrativa histórica que seja acessível à sociedade. Mas creio que seja um debate necessário entender como a abertura das fontes para a história a partir da década de 70 pode contribuir para os nossos textos e como isso pode também, tornar os nossos textos instrumentos de conscientização social.

A análise de uma comunidade, nesse caso a quilombola, já nos implica pensar numa ruptura com o que entendemos por modo de vida da sociedade. Trata-se de algo diverso. A interdisciplinaridade com a área da Antropologia, por exemplo, é de extrema importância, pois é na Antropologia que teremos instrumentos teóricos para que nossa análise seja profícua e tenha efeito.

Um quilombo é muito mais que um território delimitado pelo Estado ou por qualquer outro documento, antes de tudo, é um lugar onde corpo, ancestralidade, produção de alimentos, religiosidade e costumes estão atrelados como extensão do quilombola. Os traços da matriz africana são presentes e nisso, o meio-ambiente é uma extensão do próprio corpo do quilombola, a natureza ganha tons de sacralidade. Apenas nessa pequena e superficial exposição já temos inúmeras diferenças com a sociedade capitalista ocidental, a qual pertencemos. É necessário também que busquemos compreender na fala de Dona Ana Maria, supracitada, que ser pertencente à Comunidade Invernada Paiol de Telha traz consigo o ônus que aprisiona numa bolha de preconceito que até mesmo envergonha os integrantes da Comunidade. As entrevistas, mesmo através do silêncio, nos falam muito. O *sentir na pele* descrito pela entrevistada é sinal de que as agressões são muito além das físicas.

Portanto é impossível, por exemplo, uma análise puramente econômica de uma comunidade tradicional, mesmo que tal componente seja aquele mais apresentado. É necessário entendimento histórico, há que se multiplicar as linhas de análise que cruzam a comunidade analisada, mas sempre buscando o objetivo que seja naturalizar essas comunidades tidas como diferentes e de menor valor, alvo de discriminações. Torna-se necessário que combatamos em nossos textos a falta de informações sobre o que é e como se compõe a vida de um quilombola. Caso contrário sempre estaremos fadados aos acúmulos nos repositórios enquanto episódios como os relatados pelas entrevistas supracitadas continuam acontecendo. Endurecemos nosso discurso dia a dia, produzimos exclusivamente aos pares e a sociedade fica fora de um debate que é de interesse público.

Então, trabalhos que urgem em disputas pelo Poder devem ser traduzidos com rigor metodológico para que a sociedade sorva de seu debate. Qualquer que seja o elemento a se pesquisar. Se este permanece em querelas onde ocorrem disputas discriminatórias e até mesmo violentas, é necessário que o historiador sirva a sociedade com publicações que ajudem à compreensão sobre “o diferente”, dessa forma, não haverá prejudicados, somente ganhos. Inclusive ao campo da história. Com isso, percebemos também o quanto o olhar sobre os pormenores é capaz de suscitar discussões que não são visíveis quando nos atemos a questões macro. O sentir na pele é resultado de preconceitos constituídos a partir da luta pelo espaço considerado, estabelecido, mantido e de vivência da comunidade tradicional. Olhar o outro como *gorda, outras de seca, outras de cracenta, piolhenta, de preta* não é apenas caracterizar o indivíduo, mas é também estereotipar aqueles que não pertencem ao tipo ideal estabelecido. Cria-se a ideia de que aqueles que pertencem a comunidade tradicional são diferentes ao ponto de que devem, gradativamente, ser afastados de ambientes de convívio. Tal narrativa, mesmo que velada, acaba por ser transmitida também por aqueles que de alguma forma são hostilizados. O fato de preferir estudar numa escola que somente tem dos seus, também é sintomático.

Mais uma vez nos vemos cercados dos dilemas históricos: quem escreve a história, quando e para quem. Ao observar a bibliografia, principalmente aquela que parece reinar em ambientes memorialistas e comemorativos, a voz das mulheres e meninas da comunidade jamais serão ouvidas, pois destoam do tom conciliador que ecoa na memória coletiva regional. Esse texto tem um tom provocativa no momento que faz ecoar essas vozes que foram ouvidas por pesquisadores e que devem chegar àqueles que fogem delas, muitas vezes com a desculpa de que não entendem a linguagem acadêmica. O caso das meninas da Comunidade Invernada Paiol de Telha é exemplificativo, visto que são inúmeras as histórias que são silenciadas, muitas dessas em prol de um pseudo progresso. Silenciar essas vozes e histórias é, gradativamente, silenciar a luta. Percebemos, mesmo que ainda por um olhar superficial, que as agressões físicas e psicológicas são geracionais.

Referências bibliográficas

BERG, Juliana. **Julgamento moral em meninas quilombola: um estudo educacional da Comunidade Invernada Paiol de Telha, Paraná.** Dissertação (Mestrado em Educação. UNICENTRO. Guarapuava, 2014.

BOSCHIERO, Gilson Aparecido. **Grupo de poder e território: os suábios do Danúbio, segregação e cooperação no desenvolvimento do centro-sul do Paraná.** Dissertação (Mestrado em Geografia). UNICENTRO. Guarapuava. 2014.

FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos N. “Entre a Antiga e a Nova Pátria: narrativas de três gerações de uma família imigrante (Colônia de Entre Rios, Guarapuava – PR)”, **Tempo e Argumento**, vol. 10, nº 24, p. 378 - 409, ago. 2018.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na Alteridade. In: **Cadernos Pagu** (6-7) 1996: pp. 67-82.

HARTUNG, Mirian. F.; BUTI, R. P. ; MOREIRA, T. ; SILVA, L. G. . **Relatório**

**antropológico de caracterização histórica, econômica e sócio-cultural
Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha. 2008.**

RAIMONDO, Marilena Ap. Soares Uchak. **As implicações do processo de resistência quilombola no espaço escolar no município de Reserva do Iguaçu.** Dissertação (Mestrado em Educação). UNICENTRO. Guarapuava, 2017.

SCHMITT, Alessandra. Et al. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. IN: **Ambiente & Sociedade** – Ano V – Nº 10 – 1º Semestre de 2002.

TEIXEIRA, Juliana C. Memórias Suábicas: o processo de colonização em Entre Rios–PR. **Revista Percorso – NEMO**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 2010.

VEYNE, Paul Marie, 1930 – **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a História.** 4ª ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1982.

**Recebido em 04 de julho de 2023
Aprovado em 12 de agosto de 2023**